

IMIGRAÇÃO ITALIANA E INDÚSTRIA: ARGENTINA NA VIRADA DO SÉCULO XIX.

Italian Immigration and Industry: Argentina at the turn of the 19th century

Tatiana Aranha Romero Bettanin¹
Lilia Inés Zanotti de Medrano²

Resumo

Este artigo é parte de uma pesquisa mais ampla cujo objetivo é abordar a trajetória de imigrantes italianos que se estabeleceram na Argentina no final do século XIX destacando sua atuação no incipiente marco industrial da cidade de Buenos Aires. Foi utilizado como fonte o livro/documento GLI ITALIANI NELLA REPUBBLICA ARGENTINA, publicado em 1898 e selecionadas cinco empresas de italianos que atuaram na metalurgia, móveis, agricultura e tecidos. Foram os casos de Dell'Acqua, com sua fábrica de tecidos e malhas; de Zanotti, Pastore e Pino, com suas fábricas de móveis; de Nolasco e sua indústria agrícola-pastoril; e de Rezzonico com seu estabelecimento metalúrgico.

Palavras-chave: imigração italiana; imigração Argentina; empresários imigrantes.

Abstract³

This article is part of a more comprehensive research project whose aim is to keep track of the Italian immigrants that settled in Argentina at the end of the 19th century, with emphasis on the role they played in the incipient industrial landmark

¹Licenciada e Bacharel em História, PUC-Campinas (2005). Realizou esta pesquisa como bolsista de Iniciação Científica do CNPq e como participante do Grupo de História Regional, Faculdade de História, PUC-Campinas.

²Professora e pesquisadora líder do Grupo de História Regional, Faculdade de História, Centro de Ciências Humanas (CCH), PUC-Campinas.

³Tradução realizada por Verônica Laura Medrano.

in the city of Buenos Aires. The book/document entitled GLI ITALIANI NELLA REPUBBLICA ARGENTINA published in 1898 was used as a source, and five companies of Italian immigrants in the field of metallurgy, furniture, agriculture and fabrics were chosen. That was the case of Dell'Acqua and his fabric factory; Zanotti, Pastore and Pino and their furniture factories; Nolasco and his agriculture-grazing industry; and Rezzonico and his metallurgical installation.

Key words: Italian immigration; Argentinian immigration; migrant businessmen

Introdução

Os censos apontam que a Argentina recebeu um enorme contingente de imigrantes. Pode-se citar, em título de exemplo, o Terceiro Censo Nacional do país que, no ano de 1914, faz referência a 30% da população Argentina como sendo composta por estrangeiros. A chegada dos imigrantes, no entanto, não foi um fator surpresa para o país. Pelo contrário, ela havia sido pensada e gerida pelos intelectuais argentinos que propunham mudanças na sociedade com o intuito de alavancar e desenvolver o seu país através da imigração europeia, uma vez que eles apostavam nesse movimento social como o responsável por uma positiva e grande mudança na Argentina.

Conforme afirma Tulio Halperin Donghi “a lo largo de todo el siglo XIX la inmigración fue considerada – en la Argentina más aun que en el resto de América española – un instrumento esencial en la creación de una sociedad y una comunidad política modernas [...]”.⁴ Donghi demonstra que, naquele momento, a imigração parecia ser a saída argentina para seus problemas sociais e políticos. Antes de qualquer outra medida, era necessário aperfeiçoar a população do país para se atingir a modernidade europeia e o desenvolvimento.

Para tanto, conforme as considerações de Fernando Devoto⁵ alguns dos intelectuais argentinos produziram programas radicais para impulsionar o desenvolvimento de seu país através da imigração, como, por exemplo, Juan Bautista Alberdi.

⁴DONGHI, Tulio Halperin. *El espejo de la Historia: Problemas argentinos y perspectivas latinoamericanas*. 2ª ed., Buenos Aires: Editorial Sudamericana, 1998, pp. 191 (Colección Historia y Cultura).

⁵DEVOTO, Fernando J. Imigração europeia e identidade nacional nas imagens das elites argentinas (1850-1914). In: FAUSTO, Boris (org). *Fazer a América*, São Paulo: EDUSP, 2000.

Alberdi acreditava que a Argentina continuaria atrasada e sem desenvolvimento, principalmente, por considerar o meio natural na América um tanto hostil e rústico, de tal forma que precisaria ser trabalhado com afinco para se chegar a atingir o progresso. Pode-se perceber tal característica em seu pensamento através da afirmação: “o tipo de nosso homem sul-americano deve ser o do homem formado para vencer o grande e desanimador inimigo de nosso progresso: o deserto, o atraso material, a natureza bruta e primitiva de nosso continente”.⁶ Desse modo, infere-se que, segundo este intelectual, os nativos não conseguiram desenvolver-se por si só, já que estavam condenados e influenciados pelo meio em que viviam. Em seu pensamento, o meio natural restringiria os homens da América por ter características atreladas ao primitivo e até mesmo ao selvagem, como, por exemplo, a influência da cultura indígena, a qual é muito recorrente em sua obra.⁷

Os intelectuais argentinos deram os primeiros passos rumo à imigração européia para a Argentina, fornecendo as diretrizes e pensando nos benefícios que a imigração traria para o seu país. As análises dos intelectuais aliadas às “[...] oportunidades de trabalho, as redes de informação e assistência entre os imigrantes e também as condições e as expectativas no ponto de partida que explicaram a chegada de tantos imigrantes europeus ao Rio da Prata”⁸, ou seja, as combinações entre as condições favoráveis da Argentina com relação à oportunidade de trabalho e assistência aos imigrantes, juntamente com a vontade e a necessidade dos imigrantes de se estabelecer num outro país.

No entanto, “è solo durante la dittatura di Rosas (1829-1852) che l’immigrazione italiana assume uma consistenza e um ruolo rilevante”⁹, mais especificamente, a partir das duas décadas posteriores ao início de tal ditadura que a Argentina recebeu significativamente não só italianos, mas imigrantes vindos de vários lugares da Europa e, já no ano de 1855, totalizava 30% de imigrantes europeus.

⁶ALBERDI, Juan Bautista. *Bases e pontos de partida para a organização política da República Argentina*. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional, 1941, pp. 97 (Coleção Brasileira de Autores Argentinos).

⁷Não desejamos nos aprofundar na formulação alberdiana sobre a questão indígena, principalmente porque não obedece aos limites deste trabalho. Contudo, para poder perceber a conotação dada por Alberdi com relação aos indígenas, segue-se a citação: “Na América, tudo que não é europeu é bárbaro; não há outra classificação: 1º, o indígena, isto é, o selvagem; 2º, o europeu, isto é, nós os que nascemos na América e falamos espanhol, os que cremos em Jesús Cristo e não em Pillán (deus dos indígenas)”. (ALBERDI, 1941, pp. 101).

⁸ALBERDI, Juan Bautista, Op. cit., pp. 36-37.

⁹SCARZANELLA, EUGENIA. *Italiani D’Argentina: Storie di contadini, industriali e missionari italiani in Argentina, 1850-1912*, Venezia: Marsilio Editori, 1983, p. 26.

Foi, porém, com a queda da ditadura de Rosas e com a sanção da Constituição da República Argentina de 1º de maio de 1853, que se pode perceber com mais intensidade e afinco o desejo pela experiência imigratória na Argentina. Tal Constituição, baseada no projeto intelectual de Alberdi, tinha por característica ser liberal, além do mais,

“[...] estabeleceu a forma representativa, republicana e federativa de governo; a divisão dos poderes em legislativo, executivo e judiciário; a eleição indireta para presidente; os direitos individuais; e liberdade de culto paralelamente à adoção do catolicismo como religião oficial de Estado [...]”.¹⁰

Possuía a Constituição, ainda, algo inovador e marcante para a história do país: alguns de seus artigos estavam diretamente relacionados à imigração para a Argentina. Como exemplo, pode-se citar o artigo 20, no qual se destaca que:

“[...] los extranjeros gozan en el territorio de la Nación de todos los derechos civiles del ciudadano. Pueden ejercer su industria, comercio y profesión; poseer bienes raíces, comprarlos y enajenarlos; navegar los ríos y costas; ejercer libremente su culto; testar y casarse conforme a las leyes. No están obligados a admitir la ciudadanía ni a pagar contribuciones forzosas extraordinarias. Obtienen nacionalización residiendo dos años continuos en la Nación; pero la autoridad puede acortar este término a favor del que lo solicite, alegando y probando servicios a la República” .

Ou mesmo no artigo de nº 25 da já citada Constituição, o qual considerava que

“el Gobierno Federal fomentará la inmigración europea; y no podrá restringir, limitar ni gravar con impuesto alguno la entrada en el territorio argentino de los extranjeros que

¹⁰BEIRED, José Luis Bendicho. *Breve história da Argentina*, São Paulo: Editora Ática, 1996, (Série Princípios), pp. 38.

*traigan por objeto labrar la tierra, mejorar las industrias e introducir y enseñar las ciencias y las artes*¹¹.

Após todas as medidas favoráveis à imigração, a década de 1880 e as posteriores é que totalizam o maior número de imigrantes, a partir do governo do General Julio Roca. Pode-se afirmar que o projeto imigratório realiza-se com total intensidade nesse momento, na chamada *Belle Époque Argentina*, uma vez que “a possibilidade e a esperança de ascensão social promoveram uma imigração que fez a população do país crescer aos saltos. De um total de 1.736.923 habitantes em 1869, passou para 3.377.780 em 1890, e 7.885.237 em 1914”.¹² As conseqüências da imigração também se ressaltam e começaram a serem sentidas pela população da Argentina, principalmente no que diz respeito à identidade nacional, nacionalidade e educação.

Os debates acerca das questões de identidade nacional, nacionalidade e educação fizeram crescer, nos intelectuais, uma certa rejeição aos imigrantes europeus do sul, principalmente os italianos, em relação aos anglo-saxões (do norte). Os italianos eram mais penalizados, primeiramente, pelo expressivo contingente na Argentina, o que era tido como uma ameaça, pois representavam uma massa de imigrantes que poderia se revoltar e, depois, porque resistiram mais intensamente ao processo de “argentinização” do que os outros imigrantes. Pode-se facilmente perceber que a elite Argentina queria conter o avanço italiano em seu país, através da política do presidente Juarez Celman. Essa política promovia uma imigração subsidiada que favorecia a entrada de imigrantes europeus, excetuando-se aqueles vindos da Itália, por meio do adiantamento de passagens.

Ainda sobre a questão do controle da imigração, Eugenia Scarzanella formula que criminalidade e imigração passaram a ser palavras intimamente relacionadas e, de tal forma, o imigrante seria apontado como o responsável pelo aumento da criminalidade na Argentina. Segundo a autora, a imagem do imigrante muda de figura, pois “dalla simpatia per gli stranieri giudicati, rispetto ai nativi, più parsimoniosi, più colti, si passa

¹¹CONSTITUCIÓN de la República Argentina. Primera Parte. Capítulo Único. Declaraciones, derechos y garantías. Sancionada por el Congreso General Constituyente el 1 de mayo de 1853, reformada por la Convención Nacional “ad hoc” el 25 de septiembre de 1860 y con las reformas de las convenciones de 1866, 1898, 1957 y 1994. Destaque das letras por conta do idioma espanhol.

¹²BEIRED, José Luis Bendicho. Op. cit. pp. 43.

alla diffidenza”¹³, sendo que o estrangeiro começou a ser visto como materialista e perigoso. Foi associada ao imigrante também a imagem da prostituição, da violência política, do alcoolismo, ou seja, tudo que fazia relação com os problemas urbanos enfrentados pelas cidades argentinas e comprometia, nas palavras da autora, a formação de uma “sana e robusta ‘razza argentina’”. Scarzanella menciona ainda que o mote de Alberdi: “Governar es poblar” transformou-se em “Governar es poblar bien”, tamanha a tensão enfrentada na Argentina, no tangente à imigração. Nesse sentido, os imigrantes italianos, os quais representavam a maioria no país, tiveram sua imagem prejudicada justificando, assim, o título da obra da autora: “Italiani Malagente”.

O fato é que com ou sem rejeição os italianos foram numericamente superiores aos outros grupos imigrantes e, segundo as análises de Alicia Bernasconi¹⁴, mais de dois milhões de italianos embarcaram para a Argentina entre 1880 a 1930. Primeiramente, eles tinham os Estados Unidos da América como rota preferencial de imigração, seguidos da Argentina e, só depois, vinha o Brasil. Ressalte-se que essa afirmação cabe restritamente para o continente americano, pois havia muitos imigrantes que desejavam estabelecer-se em outros países da própria Europa como, por exemplo, a França.

Ainda segundo as formulações de Bernasconi¹⁵, as regiões italianas que se atraíram pela Argentina foram, primeiramente, as da área norte-ocidental, ou seja, do Piemonte, Ligúria e Lombardia e do Vêneto.

Essas regiões, no entanto, perderam importância para as áreas do Sul, nas quais se destacam as imigrações calabresa e siciliana, sendo que esta última representava um expressivo contingente desde o início do século XX até o ano de 1914, já que “um de cada seis imigrantes italianos provinha dessa região”.¹⁶ Houve, ainda, a imigração da região sul dos Abruzzos, da Campânia e de Apúgia. Já na parte da Itália central, Pesaro, Urbino, Arcana, Macerata e Ascoli, províncias das Marcas, apresentaram um desenvolvimento tardio no que tange à imigração para a Argentina, por esse fato, não alcançaram grande relevância no contingente de imigrantes para a Argentina. O destaque maior fica para

¹³SCARZANELLA, Eugenia. *Italiani Malagente: Immigrazione, criminalità, razzismo in Argentina, 1890-1940*, Milano, Italia: FrancoAngeli Storia, 1999, pp. 9.

¹⁴BERNASCONI, Alicia. Imigrantes italianos na Argentina (1880-1930): uma aproximação. In: FAUSTO, Boris (org). *Fazer a América*, São Paulo: EDUSP, 2000.

¹⁵Ibid, pp. 60.

¹⁶Ibid. pp. 64.

a Calábria e o Piemonte, pois foram as províncias a enviarem o maior número de imigrantes para a Argentina, no período que compreende os anos de 1876 e 1925. Logo depois, e com destaque também, vem a Sicília.

A Argentina oferecia gratuitamente hospedagem de cinco dias na *Hotel de Inmigrantes* e uma possibilidade de emprego através da *Oficina de Trabajo*. A maioria dos imigrantes, contudo, preferia não utilizar esses recursos institucionais, uma vez que confiava mais em seus contatos já estabelecidos no país e também porque a reputação do *Hotel de Inmigrantes* não era muito favorável, de modo que, em 1913, com a finalidade de atrair pessoas, o *Manual del emigrante italiano* comunicava aos leitores que o hotel havia sido reformado, tornando-se novo e mais moderno.

Quanto à ocupação nos bairros, deve-se destacar o mais famoso bairro italiano em Buenos Aires, *La Boca del Riachuelo*, mais conhecido como *La Boca*. Ocupado predominantemente pelos genoveses, pode-se afirmar que “La Boca en particular conservó la atmósfera, el idioma y hasta los olores de Génova”.¹⁷ Outros bairros também tinham destaque, como é o caso de *San Telmo*, *Catedral*, *Balvanera*, bairro 13, bairro 17, distrito de *San Fernand*, sul Paraná, dentre outros.

Conforme considera Bernasconi a respeito da ocupação italiana nos bairros

“[...] os cerca de dez mil italianos que vivem em Buenos Aires em meados do século passado (faz referência ao século XIX) não se restringem a conglomerados espaciais étnicos mais ou menos delimitados, mas se estendem com diversas densidades por todo o tecido urbano”.¹⁸

Contudo, mesmo estendendo-se pelo território, “[...] el porcentaje de italianos con respecto a la población total, permaneció más alto en la Boca y Barracas que en cualquier otra área de la ciudad”.¹⁹

Como é de se supor, a coletividade italiana trouxe contribuições à Argentina. Desse modo, elas merecem ser destacadas, inclusive porque,

¹⁷SCOBIE, James R. *Buenos Aires: Del Centro a los Barrios, 1870-1910*, Buenos Aires: Ediciones Solar y Librería Hachette, 1977, pp. 34 (Dimensión Argentina).

¹⁸BERNASCONI, Alicia. Op. cit. pp. 72.

¹⁹SCOBIE, James R. Op. cit. pp. 33-34.

em alguns casos, perpassaram três séculos, ou seja, o século XIX, o XX, chegando aos dias de hoje (século XXI). A importância dessa contribuição reside no fato de que, por ter envolvido um enorme contingente de pessoas, ela ajudou a desenvolver e a compor a cultura e o modo de vida argentino, pois, longe de ser um processo simples, a imigração simboliza e incorpora, acima de tudo, a união de duas culturas distintas que passam a coexistir num mesmo local.

Foram criadas muitas associações, as quais demonstram, por sua vez, que os italianos estavam interessados em permanecer na Argentina, ajudar os compatriotas que ali chegavam e que também desejavam deixar um pouco de sua cultura no lugar, bem como recuperar resquícios da Itália dentro da América, num ato de saudosismo. Dentre as associações criadas pode-se citar as de socorros mútuos e os hospitais italianos. O *Ospedale Italiano de Buenos Aires*, por exemplo, foi idealizado pelo sacerdote lígure Giuseppe Arata, em 1852. Ele tinha a intenção de abrigar os muitos doentes dos navios italianos que faziam escala no porto e a colônia de marinheiros de *La Boca del Riachuelo*. Com a finalidade de evitar que a instituição perdesse seu caráter italiano, foram feitas doações, pelo rei da Sardenha Vittorio Emanuele II, para a compra de um terreno, no qual seria mais tarde construído esse hospital. Somente em 1872 é que se inaugura, em Buenos Aires, o *Ospedale Italiano*, tendo sua administração dependente do Conselho Diretivo da *Società Italiana di Beneficenza*. O aumento no número dos italianos que chegavam a Buenos Aires, bem como no número de indigentes doentes fez com que houvesse a necessidade de ampliar o hospital, o que ocorreu no ano de 1901.

O *Ospedale Italiano* pode ser visto ainda, na interpretação de Nascimbene, como o início de um grande movimento comunitário italiano na Argentina. Segundo o autor, a criação do hospital trouxe duas novidades: “[...] por un lado el inicio de una apertura oficial hacia todos los italianos, de cualquier región que fueran, y por otro, el comienzo de una mayor preocupación por parte de Italia hacia los italianos en el Plata”.²⁰

A interpretação de Nascimbene visa identificar um sentimento de “italianidad”, como o autor mesmo propõe, que consiste na busca do sentimento de sua terra natal. Nascimbene procura mostrar que

²⁰ NASCIMBENE, Mario C. *História de los italianos en la Argentina (1835-1920)*, 2ª Ed. Buenos Aires: CEMLA, 1987, pp. 41.

determinados grupos foram portadores de algumas formas de expressão italianas na Argentina, primeiro com a criação de jornais, como é o caso do jornal “*L’Italiano*”, o qual chegou a alcançar o número de 24 publicações. Contudo, os jornais não conseguiram atingir o público italiano, pois este preferia ler os jornais locais que traziam maiores informações. Dessa forma, segundo o autor, foi somente a partir da criação do *Ospedale Italiano* que se conseguiu o intento de representar o movimento comunitário italiano, uma vez que o hospital era, nas palavras de Gian Battista Cúneo, citado no trabalho de Nascimbene,

“[...] un templo laico de amor y de dolor, que todos los italianos unidos por el corazón, elevaban por piedad a la pátria, como confortación de los connacionales sufrientes, sin distinción de regiones ni de partidos. El acto espontáneo de beneficencia provocaba, instintivamente, la fraternidad nacional; favorecía la transformación de la colectividad en colonia”.²¹

Pode-se citar ainda, em título de exemplo, outras instituições italianas sediadas na Argentina, como o *Asili d’ Infanzia* que se dedicava à cura e à educação de crianças, o *Ospedale Italiano di Rosario*, inaugurado em 10 de janeiro de 1892, que, todavia, só começou a funcionar um ano depois. Como não teve subsídios governamentais foi constituído apenas de filantropia. Havia também o *Ospedale Italiano di La Plata*, o *Ospedale Italiano di Santa Fè*, a *Società di Mutuo Soccorso ed Istruzione*, a qual leva o simpático nome de *Unione e Benevolenza* e a *Associazione Dante Alighieri*, grande responsável pela difusão da língua italiana.

Ainda hoje, em Buenos Aires, encontram-se muitas instituições italianas, conforme expõe Scandellari, dentre elas estão

“[...] la Associazione Unione e Benevolenza, el Teatro Coliseo, la Associazione Massalubrense, la Associazione Campani, la Associazione Mazzini, la Associazione Siciliana, la Società Friulana, la Federazione Lucana, el Centro Calabrese, la Associazione G. Gentile, el Circolo Trentino, el Club Italiano, el

²¹ Mario Nascimbene destaca que a palavra “colônia” tem o significado de comunidade, pp. 42.

Ospedale Italiano, la Unione Ossolana, la Associazione Cristoforo Colombo, la Scuola T. Devoto, el Istituto Luigi Pirandello en San Miguel e la Associazione Scuole Italiane XXI Aprile a Mendoza, en Tigre la Associazione Dante Alighieri y el Circolo Sardo en San Miguel de Tucumán”.²²

No entanto, uma das maiores contribuições e destaques dos italianos na Argentina está na área econômica, já que muitos imigrantes fundaram empresas de porte significativo, contribuindo, dessa maneira, para alavancar o processo de industrialização e de desenvolvimento econômico no país. Muitos imigrantes italianos com senso empreendedor, perspicácia, idéias inovadoras, esforço e acima de tudo, vontade de trabalhar lutaram e foram capazes de constituir grandes empresas que geraram sucesso na Argentina.

Antes de mencionarmos os empresários italianos e suas empresas na Argentina, faz-se necessário ter em vista uma breve discussão acerca do senso empreendedor, característica marcante desenvolvida por empresários de sucesso. Nas formulações de Jacques Marcovitch²³, na obra *Pioneiros & Empreendedores: A Saga do Desenvolvimento no Brasil*, o empreendedor é aquele que possui “abertura de espírito”, capacidade de inovação aliada à criatividade, visão de futuro e sensibilidade estratégica, além disso, o empreendedor é persistente, determinado e demonstra empenho na realização de suas atividades.

Nesse sentido, o empreendedor é aquela pessoa capaz de sonhar, ousar, arriscar e fazer acontecer e realizar, pois o enfrentamento das adversidades forja o empreendedorismo. Acima do sonho e do “otimismo puro e simples, o êxito dos empreendedores depende de sua capacidade de sentir as tendências do mercado”.²⁴ Em linhas gerais, o empreendedor é aquele que transforma sonhos potenciais em realidade, assumindo os riscos cabíveis aos seus empreendimentos.

No que diz respeito ao senso empresarial, na América do século XIX, de uma forma geral, acreditava-se que os europeus possuíam visão e tendências mais amplas sobre os aspectos empresariais, devidas à

²² SCANDELLARI, A. Disponível em: <http://www.spbo.unibo.it/pais/bonaldi/iperesto/vida.html>

²³ MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros & Empreendedores: A Saga do Desenvolvimento no Brasil*. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.

²⁴ MARCOVITCH, Jacques. Op. cit. pp. 19.

tradição e ao pioneirismo industriais e, por isso, apresentavam, inclusive, maior disposição ao trabalho. Tal visão contribuiu também para o sucesso do processo imigratório e fez com que fosse muito elevado o número de imigrantes trabalhando nas primeiras grandes empresas americanas, principalmente os italianos.

Uma vez na América, “[...] na condição de imigrantes e longe de suas culturas de origem, enfrentaram desde cedo a barreira de outros hábitos, valores e regras sociais. Desenvolveram, em consequência, uma sensibilidade aguçada e capacidade incomum para a absorção de novas informações[...]”²⁵, importantes para o desempenho de algum deles na formação de suas empresas e, ocupando a posição de empreendedores, pudessem lograr êxitos econômicos.

Cabe ressaltar, ainda, a importância européia no processo de industrialização. Segundo as formulações de Adolfo Dorfman²⁶, as empresas que foram formadas na Argentina, no século XIX, tinham por base proprietários, técnicos, capital e maquinário importados da Europa, que introduziram no país a produção fabril mecanizada, tendo em vista que a Europa, do ponto de vista técnico, estava mais desenvolvida que a América. Já no tangente aos italianos, Eugenia Scarzanella afirma que “[...] *il contributo italiano allo sviluppo industriale argentino e allá formazione di um ceto imprenditoriale moderno può essere datato com la fine degli anni 1860*”.²⁷ Deste modo, torna-se mais fácil entender o porquê dos empresários italianos terem obtido sucesso com suas indústrias na Argentina.

Para representar uma coletividade de imigrantes italianos que fundaram empresas na Argentina do século XIX, foram selecionados cinco empreendedores que apresentaram características singulares e representativas, como é o caso de Antonio Rezzonico, no ramo da indústria mecânica e de fundição (metalurgia) e que, no ano de 1898, contava com o surpreendente número de 210 funcionários trabalhando em seu empreendimento, fator que não pode ser descartado, pois “a máquina, por mais perfeita que seja, será sempre produto de criação do homem. [...] O homem, portanto, é o elemento indispensável, sem o qual não pode existir uma empresa”.²⁸ Tanto Antonio Pastore e Carmelo Pino,

²⁵ MARCOVITCH, Jacques. Op. cit. pp. 284.

²⁶ DORFMAN, Adolfo. *Historia de la Industria Argentina*. Buenos Aires: Ediciones Solar, 1970 (Dimensión Argentina).

²⁷ SCARZANELLA, EUGENIA. *Italiani D'Argentina: Storie di contadini, industriali e missionari italiani in Argentina, 1850-1912*, Venezia: Marsilio Editori, 1983. pp. 25.

²⁸ TAYLOR, Robert. O homem na Empresa: O Planejamento Social. In: GONÇALVES, Ernesto Lima. *Balanço Social da Empresa na América Latina*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1980. pp. 13-14.

quanto Antonio Zanotti, constituíram empresas de móveis e obtiveram reconhecimento por elas. O empreendimento de Zanotti, por exemplo, foi destacado na obra de Dorfman, como uma das principais indústrias no ano de 1897.²⁹ Carlo Nolasco logrou êxito com sua empresa Agrícola-Pastoril Nolasco e Cia, principalmente porque a agricultura e o pastoreio eram muito valorizados na Argentina, tanto que o país recebeu o título de “celeiro mundial”. Já o nome de Enrico dell’Acqua, o “príncipe mercante” ficará para sempre marcado na história argentina, tamanho o sucesso que atingiu. Dell’Acqua, ainda no século XIX, conseguiu montar uma filial de sua empresa também no Brasil.

Algumas empresas de imigrantes italianos em Buenos Aires

Antonio Rezzonico

O estabelecimento mecânico e de fundição do proprietário Antonio Rezzonico foi fundado por ele mesmo no ano de 1882 e localizava-se na rua Rivadavia, número 3281, na cidade de Buenos Aires. Seu empreendimento era grandioso e contava, além da parte técnica e administrativa, com um grande potencial humano para elevá-lo e desenvolvê-lo. Em todos os dias de trabalho, os chefes faziam a distribuição do trabalho e indicavam aos operários as medidas de cada objeto a ser produzido. Os chefes eram responsáveis, ainda, pela fiscalização do trabalho desempenhado.

O número de empregados da fábrica também revela o grande potencial que ela possuía: eram, ao todo, 210 operários. Em sua grande maioria, eram italianos ou então descendentes deles, comprovando que os imigrantes atribuíam maior confiança e credibilidade nos conhecimentos e no trabalho de seus compatriotas.

Além do grande número de empregados, chama atenção também a presença de inúmeras máquinas, automáticas, manuais ou a vapor, no estabelecimento, muitas delas importadas, dado que acaba revelando a

²⁹ DORFMAN, Adolfo. Op. cit. pp. 202.

incipiente industrialização do país, como também a confiança nos produtos trazidos de fora. São máquinas para polir ferro, procedentes da casa “*Jary de Parigi*” (Jary de Paris), diversos tipos e tamanhos de tornos, cilindros, três pranchas com pedra de esmeril para limar ferro, entre muitas outras.

Atingindo tamanha infra-estrutura, em finais do século XIX, graças ao pioneirismo, empenho, persistência e criatividade de Rezzonico, seu estabelecimento mecânico e de fundição tornou-se um dos mais modernos do gênero, destacando-se no cenário nacional argentino.

Antonio Pastore e Carmelo Pino

A fábrica de móveis dos proprietários Antonio Pastore e Carmelo Pino foi fundada no ano de 1880, por Pastore e localizava-se na rua Paraná, número 444, na cidade de Buenos Aires. Pouco a pouco o estabelecimento passou a crescer e a prosperar, tornando-se, assim, no século XIX, uma das primeiras fábricas de móveis de luxo da cidade, confirmando, dessa forma, o pioneirismo e a criatividade dos dois requisitados empresários.

Dentre as suntuosas casas mobiliadas por completo com os móveis de Pastore e Pino, podem-se destacar a do senhor Aleman, o qual era deputado nacional da província de Santa Fé, A. Cobal, também deputado nacional pela província de Santa Fé, B. Llerena, deputado nacional da província de Córdoba, a casa do senhor Ministro Lavalle, a casa do senhor D. Chas, a do engenheiro Fincati, do arquiteto D. M. Antonini, e muitas outras famílias de renome na Argentina. A credibilidade dada por essas famílias a Pastore e Pino, demonstra, além do bom gosto, a grandiosidade, o reconhecimento e o amadurecimento alcançados por eles no seu negócio.

Carlo Nolasco

A Empresa Agrícola-Pastoril Nolasco e Cia., foi fundada por Carlo Nolasco, no ano de 1893 e, no final do século XIX, contava com cinco mil hectares distribuídos por três estabelecimentos: San Juan, em Campana; La California, em Tristán Suárez; e Las Camarinas, em Agote,

todas na província de Buenos Aires. A administração dos negócios se localizava na rua San Martín, número 89, na cidade de Buenos Aires. Nos três estabelecimentos eram cultivadas, tanto a agricultura quanto a pecuária.

No mesmo ano de fundação da empresa, ou seja, em 1893, Nolasco testou, em sua fazenda de Tristán Suárez, o primeiro experimento de cultivo racional de alfafa em campo argentino.³⁰ Tal experimento foi a base para a implantação da Empresa Agrícola-Pastoril Nolasco e Cia., a qual contribuiu para uma maior divulgação, utilização e exportação da alfafa ao continente europeu, tudo devido ao plantio racional que facilitou o controle de sua qualidade, favorecendo, assim, a diminuição no preço do produto.

A fim de demonstrar a integração e a evolução da empresa de Nolasco, pode-se mencionar que ela trabalhava com o sistema de oferecer uma participação no lucro aos funcionários que compartilhavam dos trabalhos, dessa forma, ao ser terminado o balanço, em cada seção, era estabelecido certo número de custo das operações e o que sobrava era dividido entre o administrador, o chefe das máquinas e os trabalhadores do estabelecimento. O cálculo dos anos de 1897 – 1898 apontava que a produção na empresa havia obtido a marca de trinta e seis mil toneladas de alfafa.

Antonio Zanotti

O estabelecimento industrial de Antonio Zanotti foi fundado por ele mesmo, no ano de 1876. Estava localizado à rua 2ª Lima, números 241-245, próximo à Praça Constitución, em Buenos Aires. Nele, Zanotti dedicou-se especialmente à confecção de móveis de luxo, os quais lhe conferiram o reconhecimento pela perfeição e pelo gosto artístico apurado, mas produzia também outros trabalhos de carpintaria, como portas e janelas. Para desempenhar o trabalho, ele se utilizava tanto de madeiras estrangeiras, quanto de madeiras nacionais. Dentre as importadas, destacava-se o consumo da nogueira trazida da Itália e que foi largamente

³⁰O cultivo em escala da alfafa é uma cultura que logra êxitos na Argentina por conta dos terrenos planos e também pela facilidade da utilização da força animal, a qual é bastante econômica. Além do mais, a alfafa é muito resistente ao clima do país e tem a vantagem de ser uma planta perene.

empregada em obras artísticas que enfeitaram os luxuosos edifícios do *Banco de Italia y Río de la Plata* e o *Banco Español del Río de la Plata*. As madeiras nacionais mais trabalhadas eram o *quebracho*, que tem por característica ser muito dura e resistente e o *palo santo*, cujo desenho lembrava mármore e havia desde amarelo, até o rosa, branco ou roxo. O *quebracho* foi largamente utilizado nas ferrovias, e a empresa de Zanotti enviava em média, por ano, cerca de 60 a 70 mil dormentes aos construtores de estradas de ferro.

Por seu valor artístico e cuidado na realização dos trabalhos a casa obteve dois prêmios importantes: o primeiro em 1880 por móveis, na 1ª Exposição Italiana e, o segundo em 1886 por portas, na 2ª Exposição Italiana.

Enrico Dell'Acqua

A indústria têxtil ou fábrica de tecido e malhas foi fundada em Buenos Aires, no ano de 1894, por Enrico Dell'Acqua. Localizava-se na rua Corrientes y Serrano, mas possuía também uma grande casa na Avenida de Mayo, número 1116-34, cuja fachada indicava “E. Dell'Acqua e Cia., Importadores e Fabricantes de Tecidos”. A matriz de sua empresa, na Itália, tinha duas sedes, uma em Milão (domicílio legal) e a outra em Busto Arsizio (sede comercial). As sedes de venda, na Argentina, localizavam-se em Buenos Aires, Córdoba, Tucumán e Rosario de Santa Fé; no Brasil, em São Paulo, Bahia e Curitiba; no Peru, em Lima.

Dell'Acqua foi um empresário dotado de visão estratégica e sua intenção era a de estabelecer o comércio de tecidos pelo mundo. Numa viagem à América, chegou a Buenos Aires pela primeira vez no ano de 1887 e logo abriu uma casa comercial na rua San Matín. Em sua segunda viagem para o continente americano, no ano de 1888 abriu filiais de sua empresa “Enrico Dell'Acqua e Fratello”, em São Paulo (Brasil) e Montevideu (Uruguai). A associação com Fratello acabou e, na década de 1890, constituiu a razão social “Enrico Dell'Acqua e Cia.”, a qual mediava as relações comerciais de importação e exportação entre a Itália e a América do Sul. A sede de tal empresa ficava em Milão, contudo, Dell'Acqua possuía duas empresas no continente, uma em Buenos Aires e a outra em

São Paulo. A sede fornecia os fios que eram trabalhados e transformados em tecido nas empresas, os quais eram enviados novamente à Europa.

A trajetória de sucesso de Enrico Dell'Acqua lhe conferiu o título de “Príncipe Mercante”, atribuído pelo economista italiano Luis Einaudi que, ao ser eleito presidente da República Italiana, em 1950, mandou erguer um busto de Dell'Acqua em sua cidade natal, Busto Arsizio, com o intuito de homenageá-lo por ter sido o pioneiro nas relações comerciais entre a América do Sul e a Itália.

Considerações finais

Tendo em vista tudo que já fora analisado até agora, acrescenta-se que a maior contribuição deste estudo foi no sentido de destacar a atuação do grupo imigrante italiano que projetou uma nova vida para si e para os seus familiares, na Argentina, um país com uma cultura diferente daquela que estavam habituados a viver. Não se pode esquecer de mencionar que todo processo imigratório em massa envolve o entrelaçamento de duas culturas que passam a coexistir e a interagir, sendo assim, ocorre a incorporação de novos hábitos, tanto para os imigrantes quanto para o país que os recebe.

A imigração para a Argentina foi um processo social desejado e arquitetado pela elite intelectualizada do país que a via como solução para os problemas de âmbito social, econômico, organizacional e cultural que enfrentavam. Dessa forma, a chegada dos imigrantes italianos coincidiu com uma conjuntura propícia ao desenvolvimento de aptidões, tais como a industrialização e o comércio.

Fontes impressas

Constitución de la República Argentina. Primera Parte. Capítulo Único. Declaraciones, derechos y garantías. Sancionada por el Congreso General Constituyente el 1 de mayo de 1853, reformada por la Convención Nacional “ad hoc” el 25 de septiembre de 1860 y con las reformas de las convenciones de 1866, 1898, 1957 y 1994.

GLI ITALIANI NELLA REPUBBLICA ARGENTINA, Comitato della Camera Italiana di Commercio ed Arti di Buenos Aires, Buenos Aires: Compañía Sud-Americana de Billetes de Banco, 1898.

Bibliografia

- ALBERDI, Juan Bautista. *Fundamentos da Organização Política da Argentina*, Tradução: Ângela Maria Naoko Tijiwa, Campinas/São Paulo: Editora da UNICAMP, 1994.
- BEIRED, José Luis Bendicho. *Breve história da Argentina*, São Paulo: Editora Ática, 1996 (Série Princípios).
- CARDOSO, Ciro F.; VAINFAS, Ronaldo (org). *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*, Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- CAPELLO, Francesco. I professori italiani alla Università. *Gli Italiani nella Repubblica Argentina*, Comitato della Camera Italiana di Commercio ed Arti di Buenos Aires, Buenos Aires: Compañía Sud-Americana de Billetes de Banco, 1898.
- LOBO, Eulália L. História Empresarial. In *Domínios da História: Ensaios de Teoria e Metodologia*. CARDOSO, Ciro F. e VAINFAS, Ronaldo, Rio de Janeiro: Campus, 1997.
- DORFMAN, Adolfo. *Historia de la Industria Argentina*, Buenos Aires: Ediciones Solar (Dimensión Argentina), 1970.
- FAUSTO, Boris (org). *Fazer a América*, São Paulo: EDUSP, 2000.
- BERNASCONI, Alicia. Imigrantes italianos na Argentina (1880-1930): uma aproximação. In: FAUSTO, Boris (org). *Fazer a América*, São Paulo: EDUSP, 2000.
- DEVOTO, Fernando J. Imigração européia e identidade nacional nas imagens das elites argentinas (1850-1914). In: FAUSTO, Boris (org). *Fazer a América*, São Paulo: EDUSP, 2000.
- MARCOVITCH, Jacques. *Pioneiros & Empreendedores: A Saga do Desenvolvimento no Brasil*, São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.
- MEDRANO, Lilia Inês Zanotti de. *Apresentação*. In: *Cadernos do ICH*, Núcleo de Pesquisa/Instituto de Ciências Humanas, Campinas: Pontifícia Universidade Católica de Campinas, n. 13, 2001.

ORTIZ, Ricardo M. *História Económica de la Argentina*, Buenos Aires: Editorial Plus Ultra, 1974.

SCARZANELLA, EUGENIA. *Italiani D'Argentina: Storie di contadini, industriali e missionari italiani in Argentina, 1850-1912*, Venezia: Marsilio Editori, 1983.

SCOBIE, James R. *Buenos Aires: del Centro a los Barrios, 1870-1910*, Buenos Aires: Ediciones Solar y Librería Hachette, 1977 (Dimensión Argentina).

Sites:

<http://www.argentinaxplora.com/activida/legado/inmigr/inmigran.htm>

<http://www.geocities.com/marilisan/la-inmigracion-italiana-en-Argentina.html>

<http://www.spbo.unibo.it/pais/bonaldi/ipertesto/vida.html>